

«NEGROS AQUI BRANCOS ACOLÁ»: IMAGENS DO RACISMO NA POESIA DE AGOSTINHO NETO

MARIA DO CARMO CARDOSO MENDES*

Resumo: *Os propósitos principais do ensaio são: 1) Identificar a denúncia da segregação racial (em África, na Europa e nos Estados Unidos da América) feita por Agostinho Neto em diversas composições líricas; 2) Interpretar o apelo de Agostinho Neto sobre o imperativo africano de retorno à tradição; 3) Enfatizar o valor da poética de Neto para a reabilitação da cor negra; 4) Estabelecer diálogos entre o poeta angolano e outros escritores africanos; 5) Demonstrar que a poética de Agostinho Neto se empenhou na desconstrução da retórica da literatura colonial (assente, entre outros aspectos, na puerilização do negro ou mesmo na sua animalização, na negação da cultura e da História africanas e na legitimação do racismo).*

Palavras-chave: *Agostinho Neto; Poesia angolana; Racismo.*

Abstract: *The essay aims mainly at: 1) Identifying the condemnation of racial segregation (in Africa, Europe, and the United States of America) made by Agostinho Neto in several lyrical compositions; 2) Examine Neto's appeal about the African imperative of returning to tradition; 3) Emphasise the value of Neto's poetics for the rehabilitation of the black colour; 4) Putting the Angolan poet and other African writers into dialogue; 5) Determine whether Agostinho Neto's poetics sought to deconstruct the rhetoric of colonial literature (based, among other aspects, on the infantilization of black people or even on their animalisation, on the denial of African culture and history and the legitimization of racism).*

Keywords: *Agostinho Neto; Angolan poetry; Racism.*

INTRODUÇÃO

Agostinho Neto, cujo primeiro centenário de nascimento se celebrou em 2022, é reconhecido como uma das mais influentes figuras angolanas do século XX. A sua obra literária e as intervenções públicas que realizou exprimem um absoluto inconformismo com práticas como a segregação racial, a repressão política e policial, e a miséria, contrapesadas por um insistente apelo aos africanos de recuperação da sua identidade, em grande medida através da revalorização de tradições e da celebração do corpo negro. Duas coletâneas poéticas, *Sagrada Esperança* (publicada um ano antes da independência do país de que Neto foi o primeiro presidente) e *A Renúncia Impossível* exprimem as mais profundas inquietações do poeta e os temas que orientam a sua produção literária. Consti-

* Universidade do Minho. Email: mcpcinheiro@elach.uminho.pt.

tuem, assim, duas obras de referência no cânone literário angolano, nas quais a problematização do racismo assume relevo.

Neste ensaio, procuro, assim: 1) Identificar a denúncia da segregação racial (em África, na Europa e nos Estados Unidos da América) feita por Neto em diversas composições líricas, destacando o extenso poema «A renúncia impossível – negação»; 2) Interpretar o apelo de Agostinho Neto sobre o imperativo africano de retorno à tradição; 3) Enfatizar o valor da poética de Neto para a reabilitação da cor negra; 4) Estabelecer diálogos com outros escritores africanos que denunciaram a segregação racial; 5) Demonstrar que a poética de Agostinho Neto se empenhou em desconstruir toda a retórica da chamada literatura colonial (assente, entre outros aspetos, na puerilização do negro ou mesmo na sua animalização, na negação da cultura e da História africanas e na legitimidade do racismo).

1. O BINÓMIO POETA-HOMEM

Agostinho Neto conheceu na primeira pessoa, como outros escritores africanos de língua portuguesa (José Luandino Vieira, em Angola; José Craveirinha, em Moçambique, para considerar apenas dois de muitos exemplos), a violência da colonização portuguesa no século XX. O seu empenho na luta anticolonial (como o dos dois escritores referidos) teve um custo elevado, com sucessivos aprisionamentos (em Portugal, mas também em Angola e em Cabo Verde) e um envolvimento direto no movimento político do MPLA, do qual se tornou líder em 1959. Na oração fúnebre pronunciada por Lúcio Lara no dia 17 de setembro de 1979, sublinha-se que, em Neto, a violência dos encarceramentos mereceu uma réplica humanista: «Das bofetadas da PIDE soubeste aprender que o ódio não é dos homens, mas dos monstros, que o racismo sofrido na carne transformar-se-á em anti-racismo revolucionário, em amor pela Humanidade» (Neto 1979, pp. VII-VIII).

O forte envolvimento político de Agostinho Neto na luta pela independência de Angola e a produção de uma obra literária relativamente escassa (cerca de 70 poemas) tornam natural que a aproximação ao poeta seja feita através do homem político, como assinala Patrick Chabal (1995, p. 32), propondo que os poemas sejam lidos como evidência tanto do seu compromisso político quanto como exemplos da visão política. Embora constata os riscos de reducionismo dessa aproximação e a falácia de interpretação de uma obra literária circunscrevendo-a a elementos biográficos, Chabal aponta duas vantagens dessa abordagem:

This is useful in the sense that the writings of political leaders are always relevant to the understanding of their political action, though how, and to what extent, are questions which are not easily answered. It is also useful in the sense that they provide biographical material which can serve to illuminate the leader's personality, his psyche, his state of mind in a way which other historical sources would not reveal. It is useful, finally, because poetry — even, and particularly, if it is 'political' — is a form of literary expression which allows a more immediate mediation between political will and political vision.

Os poemas que integram *Sagrada Esperança* começaram a ser publicados na década de 1940. A maior parte, todavia, seria escrita nas duas décadas seguintes (alguns deles estando o poeta preso). O tempo de escrita foi, portanto, um período de formação cívica e política. O mais antigo poema, «Partida para o contrato», datado de 1945, mostra o estado deplorável de um país colonizado, dominado pelo sofrimento, pela escuridão e pela ausência de esperança:

*Não há luz
Não há estrelas no céu escuro
Tudo na terra é sombra
Negrura
Só negrura... (Neto 1979, p. 9)*

A noite é um motivo recorrente nos primeiros poemas de *Sagrada Esperança*: seja a noite escura sobre o mar que conduz homens para trabalhos forçados em São Tomé; seja a noite dos musseques onde as condições de construção e de vida são precárias e agravadas pelo temor constante de invasões policiais. Na composição «Adeus à hora da largada» encontra-se esse retrato de dor vivida pelos negros, simbolicamente associada à escuridão; apresentam-se também os lugares de exclusão de comunidades negras — os musseques (que tanta relevância têm na obra narrativa de José Luandino Vieira):

*Somos os teus filhos
Dos bairros de pretos
Além aonde não chega a luz eléctrica
Os homens bêbados a cair
Abandonados ao ritmo dum batuque de morte
Teus filhos
Com fome
Com sede
Com vergonha de te chamarmos Mãe
Com medo de atravessar as ruas (Neto 1979, p. 38)*

2. GEOGRAFIA DA DOR

Os musseques — qualificados como «miseráveis bairros de negros» na extensa poesia lírica «A renúncia impossível – negação» (Neto 2021, p. 114) — são espaços especialmente relevantes na poesia de Agostinho Neto (como o são os canções na obra poética do moçambicano José Craveirinha) e a sua descrição revela a denúncia da segregação, da discriminação racial e social, e da precaridade existencial, estados existenciais que podem observar-se na composição «Sábado nos musseques»:

*Os musseques são bairros humildes
de gente humilde*

*Vem o sábado
e logo ali se confunde com a própria vida
transformada em desespero
em esperança e em mística ansiedade*

*Ansiedade encontrada
no significado das coisas
e dos seres*

*na lua cheia
acesa em vez dos candeeiros
de iluminação pública
que pobreza e luar
casam bem*

[...]
*Ansiedade
no homem fardado
alcançando outro homem
que domina e leva aos pontapés*

[...]
*Ansiedade
nos que passam
à procura do prazer fácil*

[...]
*Ansiedade
no esqueleto de pau a pique
ameaçadoramente inclinado
a sustentar pesado tecto de zinco* (Neto 1979, pp. 40-47)

A violência e a exclusão que definem o musseque são apresentadas também na composição poética «Crueldade»:

*Caíram todos na armadilha
dos homens postados
à esquina
[...]
Todos perguntam por que foram presos
ninguém o sabe
e todos o sabem afinal
[...]
Da cidade iluminada
vêm gargalhadas
numa displicência cruel*

*Para banalizar um acontecimento
quotidiano
vindo no silêncio da noite
do musseque Sambizanga
— um bairro de pretos! (Neto 1979, p. 49)*

As imagens do musseque nas composições poéticas de Neto aproximam-se da definição deste espaço proposta por Pepetela, que identifica tanto o significado original do termo quanto a sua transformação sociológica: de área geográfica, o musseque tornou-se local dos excluídos, sobretudo em termos raciais, expulsos para a periferia da capital de Angola:

A palavra musseque significava originariamente a terra vermelha comum nesta região. E os agrupamentos de cubatas, no centro da cidade, eram designados por bairros ou sanzalas. A um momento dado, os conjuntos de palhotas ou casebres no alto das barrocas ganham o nome da areia sobre a qual são construídos e o musseque passa a designar o espaço social, o dos colonizados, vítimas colocadas à margem do processo urbano. O musseque torna-se, pois, o espaço dos marginalizados que servem de reserva de mão-de-obra barata ao crescimento colonial (Pepetela 1990, p. 103).

Os musseques são áreas que definem uma política colonial segregacionista que se estende a outros territórios, como se lê na composição poética «A renúncia impossível – negação»:

*E agora podeis queimar
os letrados medrosos
que às portas dos bares hotéis e recintos públicos
gritam o vosso egoísmo
nas frases “só para brancos” ou “coloured men only”
Negros aqui Brancos acolá* (Neto 2021, pp. 113-114).

Os marginalizados da poesia de Agostinho Neto, lançados para bairros de construções precárias, são, em primeiro lugar, os negros.

A denúncia da escravatura e, após a sua abolição, da violentação do corpo do negro, surge exemplarmente traduzida na poesia lírica «Velho negro», que descreve as múltiplas torturas de um homem, primeiro escravizado — «vendido/ e transportado nas galeras» (Neto 1979, p. 54), depois «linchado nas grandes cidades/ esbulhado até ao último tostão» (Neto 1979, p. 54). O poema acusa ainda a imposição religiosa do colonizador sobre o colonizado e a mimetização grotesca que, com frequência, os colonizadores fizeram do homem negro: «macaquearam seus gestos e a sua alma/ diferente» (Neto 1979, p. 54). Trata-se, portanto, de impor modelos — religiosos, culturais¹ e linguísticos — que subjagam o negro e o continente africano. Para essa subalternização concorre um outro elemento, que de seguida se explora.

3. PERCEÇÕES DE SOFRIMENTO: DAS CORES E DOS SONS

Os traços de dor representados na poesia de Neto são reforçados pela valorização de duas sensações: visual e sonora. Por vezes, as notações cromáticas e as imagens sonoras são combinadas na sinestesia. Creio, neste sentido, que é possível caracterizar as poesias líricas de Neto como profundamente plásticas e acústicas, e que estes dois atributos não são destituídos de significado, pois ambos contribuem para intensificar: o contraste entre a cultura colonizada e a cultura colonizadora, a denúncia do racismo, e a oposição entre uma apreciação positiva de África e dos africanos e um juízo negativo sobre os europeus brancos e colonizadores.

¹ Na composição poética «A renúncia impossível – negação», Agostinho Neto recorre ao registo irónico para denunciar a imposição do modelo cultural do colonizador, em termos que recordam o famoso poema de Noémia de Sousa «Deixa passar o meu povo», em que são referidas as «valsas fúteis de Strauss». Neto, por sua vez, escreve: «Não existe música negra/ Nunca houve batuques nas florestas do Congo/ Quem falou em *spirituals*?/ Os salões enchem-se de Debussy Strauss Korsakoff/ que não há selvagens na terra» (Neto 2021, p. 116). Sublinhe-se que também a poesia de Craveirinha recorre com muita frequência à ironia, designadamente em textos como «África» ou «Quando o José pensa na América».

Na já referida composição «Partida para o contrato» (da coletânea *Sagrada Esperança*), a predominância dos tons escuros durante a travessia marítima de um emigrante forçado simboliza a perda de identidade daquele que parte e o sofrimento da mãe que permanece. O desaparecimento da luz (anaforicamente expresso) e a repetição do termo «Negrura» figuram o desenraizamento imposto pela força e o sentimento de perda de esperança (representado na ausência de estrelas):

*Além no horizonte repentinos
o sol e o barco
se afogam
no mar
escurecendo
o céu escurecendo a terra
e a alma da mulher*

*Não há luz,
não há estrelas no céu escuro
tudo na terra é sombra*

*Não há luz,
não há norte na alma da mulher*

*Negrura
só negrura... (Neto 1979, p. 39)*

A ausência de luz — de esperança — contrasta com a sua presença naqueles momentos em que o poeta retrata a vida dos habitantes de um musseque de Luanda: a «lua cheia/ acesa em vez dos candeeiros/ de iluminação pública/ que pobreza e luar/ casam bem» (Neto 1979, p. 40) é um símbolo de vida que resiste ao sofrimento e à agressividade. Contra este impulso vital se erguem sons que traduzem os efeitos da violência: os «ais de dor», os «choros histéricos», o «ruído de cadeiras caídas», as «respirações ofegantes» e, por fim, o silêncio.

É o mesmo silêncio forçado que domina a poesia «Crueldade»: uma ação policial violenta interrompe uma festa no musseque Sambizanga: o que fica dessa brutalidade, que ninguém compreende, é «o silêncio/ dum óbito sem gritos» (Neto 1979, p. 49).

A identificação do poeta com as existências sombrias dos seus compatriotas (privados de expressão e de quaisquer outros direitos fundamentais do ser humano) é bem visível no texto «Noite»:

*Eu vivo
nos bairros escuros do mundo
sem luz nem vida.*

*Vou pelas ruas
às apalpadelas
encostado aos meus informes sonhos
tropeçando na escravidão
do meu desejo de ser.
São bairros de escravos
mundos de miséria
bairros escuros (Neto 1979, p. 58).*

Os tons luminosos (de um dia de sol, de uma cesta de laranjas, de capinzais, de braseiros e de verdes palmeiras) reportam-se sempre ao continente africano.

Os elementos naturais da paisagem africana sugerem poeticamente encantamento, que sons e cores reforçam. Os poemas apresentam uma natureza exuberante, a graciosidade de movimentos dos animais selvagens, o deslumbrante deserto do Calaári, no sul de Angola, e a indomabilidade caprichosa do rio Zaire.

Mas importa relevar que as composições poéticas de Neto não excluem uma denúncia de agressões dos colonizadores sobre a natureza. Em «Para além da poesia», o sujeito poético sublinha a resistência do espaço físico à brutalidade colonial, traduzida na imagem do «cheiro verde das palmeiras queimadas» (Neto 1979, p. 56).

O assombro perante a paisagem africana é evidente no poema «Campos verdes», escrito na cadeia do Aljube, em setembro de 1960: interessantemente, a adjetivação anteposta na qualificação do espaço natural africano contribui para realçar a beleza da paisagem, mas também, de modo contrastante, para denunciar a violência que a guerra colonial sobre ela exerce, desfigurando-a nos tons cintilantes e nos sons felizes, e impondo a brutalidade que a aliteração acentua:

*Os campos verdes, longas serras, ternos lagos
estendem-se harmoniosos na terra tranquila
[...]
Em campos verdes, longas serras, ternos lagos
refulgem ígneas chamas, rubros rugem mares
cintilando de ódio (Neto 1979, p. 131).*

Na extraordinária capacidade de resistência da natureza parece residir alguma esperança, como se lê em «Poema»:

*Direi simplesmente sim
Sempre sim
À honestidade dos homens
Ao viço juvenil da sinfonia das árvores;
Ao odor inesquecível da natureza
Que apaga todos os possíveis cheiros amargos* (Neto 1979, pp. 101-102).

O presente da natureza é, assim, dominado pela devastação; o restabelecimento de um estado natural de harmonia entre o homem e a natureza acontece, na obra poética *Sagrada Esperança*, pela manifestação do desejo de que o futuro restitua ao continente africano uma natureza não agredida. É assim que pode interpretar-se a poesia lírica «Havemos de voltar»:

*Às casas, às nossas lavras
às praias, aos nossos campos
havemos de voltar*

*Às nossas terras
vermelhas do café
brancas do algodão
havemos de voltar*

*Às nossas minas de diamantes,
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar*

*Aos nossos rios, nossos lagos,
às montanhas, às florestas
havemos de voltar*

*À frescura da mulemba,
às nossas tradições,
aos ritmos e às fogueiras,
havemos de voltar* (Neto 1979, p. 132)

A voz poética assinala não só a violência colonial sobre a natureza, mas também a espoliação a que ao longo dos séculos países europeus submetem o continente africano: a riqueza dos recursos naturais foi objeto de cobiça e representou a sujeição ao sofrimento extremo e à desumanidade de milhares de africanos, que, como se lê em «A voz igual», «deram ao brilho das metrópoles ouro e

diamantes/ e das entranhas da terra mungiram óleos e farturas/ para os sorrisos ingratos» (Neto 1979, p. 136).

CONSTRUÇÃO DE UMA AFROTOPIA: NOTAS CONCLUSIVAS

É sobre o futuro desenhado na poesia de Agostinho Neto que reflito para concluir, em duas breves notas.

A obra do escritor angolano apresenta um tom combativo — próprio da Negritude e identificável também em poetas moçambicanos como Noémia de Sousa e José Craveirinha — e um conjunto de propostas revelador de que o propósito último dos textos não se esgota na denúncia da segregação racial a nível planetário (como se lê na poesia lírica «A renúncia impossível – negação», atingindo as práticas racistas de Lourenço Marques, Nova Iorque, Leopoldville e Cape Town [cf. Neto 2021, p. 115]), da discriminação, da violação de direitos humanos dos africanos colonizados, dos maus-tratos sobre mulheres, crianças e trabalhadores.

A mulher ocupa um lugar privilegiado nas composições que integram *Sagrada Esperança*: seja a mãe que vê o filho a ser forçado a emigrar (em «Adeus à hora da largada»); seja a esposa abandonada pelo marido, também obrigado a trabalho não consentido em São Tomé (em «Partida para o contrato»); seja a quitandeira (no poema homónimo ou em «Meia-noite na quitanda») que diariamente luta pela sobrevivência da família; seja a jovem obrigada a vender o próprio corpo; sejam, por fim, a mulher, Maria Eugénia, e as filhas, conclui-se que sobre as mulheres recaem as violências mais atrozes. Mas nas mulheres vê também Neto o reservatório de esperança para o continente africano, esbulhado, e devastado humana e paisagisticamente.

Na obra poética de Neto, o ideal de construção de uma identidade africana (o sonho da angolanidade) antecipa o conceito de «Afrotopos», tal como foi definido e caracterizado pelo académico, escritor e músico senegalês Felwine Sarr. Em *Afrotopia*, ensaio publicado em 2016 (traduzido para português em 2020), o autor realiza uma investigação centrada na análise do património cultural imposto a países colonizados por nações europeias, e introduz o termo e o conceito de «Afrotopos», que define como «aquele lugar outro de África cuja vinda há que apressar porque realiza as suas potencialidades felizes» (Sarr 2022, p. 12). Tem o cuidado de se demarcar da noção de utopia como conceito irrealizável, ao defender que: «Fundar uma utopia não é de todo deixar-se levar por um doce sonho. [...] A Afrotopia é uma utopia activa que se propõe encontrar na realidade africana os vastos espaços do possível e fecundá-los» (Sarr 2022, p. 12).

A urgência imperativa dos poemas de Neto e a esperança que resiste diante de um país dominado pelo sofrimento e pela violência da colonização são, porventura, os motivos que sobressaem.

Nesta segunda nota final, realço o sentido da esperança como ambição que põe em diálogo a obra de Agostinho Neto com outros escritores africanos de língua portuguesa, como José Craveirinha, Noémia de Sousa, Luandino Vieira e Pepetela.

Fernando J. B. Martinho (1977, p. 5) realçou o sentido da esperança da poesia da Negritude:

de esperança é o tom de grande parte da poesia africana de língua portuguesa escrita a partir dos anos 40. (...) A esperança constitui uma componente essencial do movimento dialéctico que é o itinerário do poeta africano, desde a descoberta das suas raízes à denúncia, ao protesto e à libertação. Na noite escura do colonialismo, a esperança dá um sentido ao sofrimento. Da humilhação e da dor brota obstinadamente a flor dum futuro que as sublima e redima.

Agostinho Neto foi um construtor de esperança num tempo de desesperança, um humanista numa conjuntura desumana, e um defensor de valores como a coragem, a liberdade e a resiliência africanas. A sua obra poética encerra, portanto, um valor simbólico que não se extingue com a conquista da independência, mas que alcança um sentido intemporal.

BIBLIOGRAFIA

- CHABAL, Patrick, 1995. Aspects of Angolan literature: Luandino Vieira and Agostinho Neto. *African Languages and Cultures*. 16(2), 19-42.
- MARTINHO, Fernando J. B., 1977. O tema da esperança na poesia africana de língua portuguesa. *Colóquio Letras*. (39), 5-16.
- NETO, Agostinho, 2021. A renúncia impossível – negação. Em: Irene Guerra MARQUES, e Carlos FERREIRA, org. *Entre a Lua, o Caos e o Silêncio: a Flor. Antologia de Poesia Angolana*. Lisboa: Guerra e Paz, pp. 111-120.
- NETO, Agostinho, 1982. *A renúncia impossível*. Luanda: INALD.
- NETO, Agostinho, 1979. *Sagrada Esperança*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- PEPETELA, 1990. *Luandando*. Luanda: Elf Aquitaine.
- SARR, Felwine, 2022. *Afrotopia*. Lisboa: Antígona.